

ciara em Tiflis. Ensinavam-se os movimentos, acompanhados de música composta por Gurdjieff e Thomas Hartmann; executavam-se incessantes trabalhos manuais nos subsolos do castelo; e os moradores viviam modestamente num ambiente espartano, dormindo o mínimo. Em 1923, Gurdjieff enviou Orage à América como seu embaixador, e no ano seguinte seguiu ele próprio com uma turma de discípulos que davam demonstrações dos movimentos em Nova Iorque. Já havia lá um corpo de apoio à *Tertium Organum*, que incluía escritores agrupados em torno de Crane, e, nessa base, Gurdjieff e Orage puderam construir. Americanos reuniam-se à volta de Orage em Nova Iorque, ou chegavam a Fontainebleau, como Jane Heap e Margaret Anderson, da *Little Review* de Chicago.

Histórias de Belzebu

Em 1924, modificou-se seriamente a direção dos acontecimentos quando Gurdjieff sofreu graves ferimentos num acidente de carro, e o ritmo de trabalho em Prieuré diminuiu. Aos poucos, Gurdjieff se auto-obrigava a restabelecer-se, mas embora continuasse a trabalhar em Fontainebleau até o final da década de 20, seus principais esforços concentravam-se em outra atividade: a preparação de seus textos. Decidira que se não podia pôr suas idéias em prática, devia pelo menos providenciar para divulgar o conhecimento teórico delas. Aos pequenos grupos de alunos que começou a ensinar em seu apartamento de Paris, leram-se, capítulo por capítulo, *Todos e Tudo*, de Gurdjieff, em sua primeira série, intitulada *Histórias Contadas por Belzebu ao Neto*, e na segunda, *Encontros com Homens Notáveis*.

As histórias de Belzebu para seu neto Hussein são escritas numa prosa tortuosa, que embora pareça obscura, é sempre direta. Muitos leitores saíram perplexos do confronto, com isso duplicando a reação dos vários que eram repelidos pelo primeiro encontro com Gurdjieff. Sob o

tom pesadão da dicção, Gurdjieff escondia — e quando os discípulos revelavam sinais de “compreender” depressa demais ele o enterrava ainda mais fundo — o sistema que expusera a Ouspensky e outros na Rússia. O efeito desconcertante de *Todos e Tudo* destinava-se a “destruir implacavelmente, sem qualquer contemporição, na mente e nos sentimentos do leitor, as crenças e opiniões enraizadas há séculos, sobre tudo que existia no mundo”. O objetivo de *Encontros com Homens Notáveis* era “dar conhecimento ao leitor do material necessário para uma nova criação e provar sua solidez e boa qualidade”. Numa terceira série, que parece jamais ter-se completado, Gurdjieff propunha-se ajudar ao leitor no sentido de uma compreensão do “mundo existente na realidade”. Só pouco antes de morrer Gurdjieff tomou a decisão de publicar suas obras, e por muito tempo esses textos enigmáticos foram propriedade apenas dos grupos.

Contudo, na Inglaterra, Ouspensky continuou ensinando o sistema que absorvera de Gurdjieff. Orage voltou dos Estados Unidos para a Inglaterra e morreu em 1934; mas em 1931 Ouspensky encarregara o Dr. Maurice Nicoll, um destacado aluno de JUNG que estivera no Prieuré, de ensinar sua versão do sistema. Nicoll e Ouspensky, portanto, ensinavam o que eles próprios haviam extraído de Gurdjieff, de formas mais diretas que as usadas pelo próprio Gurdjieff; e a compreensão dos objetivos do mestre é de certa maneira filtrada pelas percepções de seus dois discípulos.

Na década de 30, Gurdjieff ensinou de um novo modo. Reunidos em torno de sua mesa, no almoço ou jantar, os alunos pendiam das palavras do mestre. Os acoites verbais de Gurdjieff e os acidentes de confronto pessoal os ajudavam em seus esforços de auto-observação. Gurdjieff explorava muito um ritual que introduzira nos últimos dias do Prieuré, de fazer brindes às várias categorias de “idiota” à qual

idiota (grego) = pessoa individual

pertenciam todos os alunos. Um pupilo era, por exemplo, um idiota “redondo”, ou “quadrado”, idiota no sentido grego, de “pessoa individual” — ou seja, alguém tentando romper a ilusória personalidade e enfrentando cara a cara o “grande Eu”. Cada aluno tinha exercícios e tarefas individuais para cumprir. E então 1939 puxou uma cortina entre Gurdjieff e o mundo de língua inglesa.

Pouco antes da eclosão da guerra, os franceses tinham passado finalmente a interessar-se pelo mestre em seu meio. O escritor René Daumal uniu-se a um grupo dirigido por Alexandre de Salzmann, e durante a guerra, enquanto as energias dos intelectuais eram impedidas de correr em outros canais, Gurdjieff continuou a ensinar a alguns indivíduos e pequenos grupos. Nesse período, diz-se que ele se sustentou espalhando o boato que que era herdeiro de um poço de petróleo no Texas, que jorraria depois da guerra. Quando os alunos da Inglaterra e Estados Unidos acorreram de volta a ele após 1945, essa história revelou ter pelo menos uma base essencial de verdade, já que as dívidas de Gurdjieff desapareceram numa tempestade de dólares.

Até pouco antes de sua morte, em outubro de 1949, Gurdjieff continuou ensinando. Mais uma vez, seu apartamento na Rue des Colonels Renard encheu-se de pupilos, mais uma vez sua mesa rangeu sob o peso de boas comidas e bebidas, mais uma vez os abstêmios viram-se obrigados a beber enormes quantidades de Armagnac, os tímidos a vencer sua timidez, os dominantes a serem dominados. Gurdjieff nesses últimos anos tem sido comparado a Papai Noel, presidindo um alegre banquete, na esperança de que suas idéias jorrassem da cornucópia. Dizia pouca coisa que não fosse paradoxal ou destinada a pisar nos mais dolorosos “calos” da personalidade de alguém. Depois da morte de Ouspensky, em 1947, alunos da Inglaterra e dos Estados Unidos, para onde ele

fora durante a guerra, aderiram à multidão em torno do mestre, embora houvesse uma perceptível diminuição nas atividades de Gurdjieff antes de morrer.

Os discípulos de Gurdjieff, Ouspensky, Orage e Maurice Nicoll continuaram o trabalho, em várias partes do mundo, segundo sua própria compreensão dele. Alguns seguiram estranhas direções, em busca de novos mestres. Outros fizeram suas próprias adaptações. Outros ainda tentaram manter o sistema “puro”. Além dos grandes grupos que estudam os ensinamentos de Gurdjieff como uma disciplina organizada, a influência de seu sistema alcançou campos largamente separados. Teatro, religião e psicanálise descobriram aplicações para a “obra”. O mais potente resíduo de Gurdjieff provavelmente se encontra onde suas idéias estão menos organizadas, nos grupos “hippies” e no *underground*. Quantas pessoas sabem que a moda de chamar alguém de “negativo” origina-se de uma doutrina de Gurdjieff-Ouspensky das emoções negativas? Muitos criticam o homem Gurdjieff do ponto de vista da moralidade convencional — vários de seus filhos ilegítimos estão vivos — e outros conjecturam se o acidente de carro não teria arruinado sua mente. Mas quanto às suas idéias, um sistema de autodisciplina ajustado a uma era de relatividade parece uma dádiva que não se pode ignorar tão facilmente. J. W.

(ver também GNOSTICISMO.) (Outras leituras: 199, 359, 495.)

Gerald Brossseau Gardner (1884-1964)

Feiticeiro britânico revivalista e autor de *O Socorro da Alta Magia*, romance, *A Feitiçaria Hoje*, de 1954, e *O Significado da Feitiçaria*, de 1959. Passou a maior parte do início da vida no Extremo Oriente, como plantador de borracha e autoridade alfandegária. Regressando à Inglaterra em fins de 1930, descobriu, ou disse ter descoberto, um grupo de feiticeiros na New Forest, que o convenceu de que a feitiça-